

Chirico

DA ITÁLIA

Roma, outubro — Na Piazza di Spagna, vejo um homem de bela cabeleira branca, e o reconheço do tempo da guerra: é o pintor De Chirico. Ele me pergunta por vários amigos brasileiros, e fico de ir visitá-lo qualquer dia, ali mesmo, no número 31. Pergunto se ele mandou alguma coisa para a Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo.

— Eu? Não! Sou contrário à arte moderna! Isso não é arte!

Mas depois, menos violento, me diz que viu os quadros italianos que foram para a Bienal paulista, e diz que “do ponto de vista chamado moderno” a escolha não foi má.

* * *

No Café Grego, onde Mark Twain costumava tomar seus grogs, vejo, em companhia de um jovem casal louro, Jean-Paul Sartre. Está já há algum tempo na Itália. Pergunto-lhe quando, finalmente, irá ao Brasil. Diz que espera ir em maio do ano que vem, a convite de estudantes de S. Paulo. Conto-lhe que um suplemento literário do Rio já abriu um debate sobre o existencialismo, a propósito de sua viagem, que era anunciada para este ano. Ele diz que gostaria de ler essas coisas, e repete que tem um interesse realmente grande em conhecer o Brasil, devido a referências de amigos — e esse clima de debates lhe agrada.

* * *

Nomeados novos professores para a Universidade de Roma, aposentados outros por terem feito 70 anos. Entre os aposentados: Nicola Pende.

* * *

Hoje é domingo. A noite haverá, pelo menos dois concertos. Um deles é o terceiro e último do Coliseu, impressionante, com iluminação “da época da inauguração do Anfiteatro”, isto é, milhares de chamas oscilando entre as muralhas; com toda a orquestra e o coro do Teatro Real. O outro concerto é no Foro Itálico (ex-Mussolini) para encerrar as comemorações verdianas. Total dos executantes deste concerto: 1.500.

Os romanos continuam fiéis aos grandes espetáculos ao ar livre. No concerto de Mascagni, no Coliseu, quando a orquestra e o coro atacaram a parte final, parecia que Nero tinha incendiado Roma: das muralhas atrás da orquestra ergueram-se imensas chamas, com jatos de fumaça colorida, altíssimos, cobrindo o céu. Ao meu lado, uma mulher chorava de emoção, mas um velho gritou:

— Bravo!

E a multidão, de pé, aplaudiu.

26/10/51

R. B.